

SBC

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO



REVISTA DE INFORMAÇÃO

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Sindicato dos Bancários do Centro
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt
Tel.: 239854880 Fax: 239854889
informacao@sibace.pt

DIRECTOR

Luis Filipe Ardérius

ASSISTENTE EDITORIAL

Costa Brites

CONSELHO EDITORIAL

Aníbal Ribeiro
Carlos Silva
Francisco Carapinha
Freitas Simões

FOTOGRAFIA

Quim Santos
SBC

COLABORADORES

Aníbal Ribeiro
A. Castelo Branco
Costa Brites
J. Frederico Nogueira

GRAFISMOS E PROJECTO LOGÓTIPO

José Brites

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Sub Verso - Design Gráfico e Conteúdos Lda.

IMPRESSÃO

FIG - Fotocomposição e Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas
3020 - 265 Coimbra
Tel.: 239 499 922 - Fax.: 239 499 981
fig@fig.pt

DEPÓSITO LEGAL

260437/07

TIRAGEM BIMENSAL

6 500 exemplares

Distribuição gratuita aos associados

NÚMERO ZERO
MAIO/JUNHO

SBC COM NOVA DIRECÇÃO

"...Entrámos num novo ciclo de vida sindical com oportunidades de participação efectiva dos associados. Com ele termina uma era de ostracismos e abrem-se novas janelas para o futuro. É o compromisso que resulta da nossa eleição. Contamos cumprir-lo convosco e em unidade."

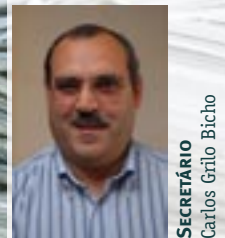
Carlos Silva (pag. 5)



PRESIDENTE
Carlos Manuel Simões Silva



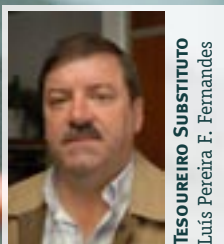
VICE PRESIDENTE
Aníbal José da Costa Ribeiro



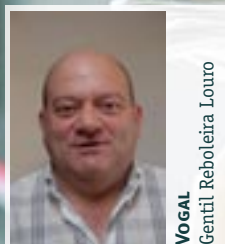
SECRETÁRIO
Carlos Grilo Bicho



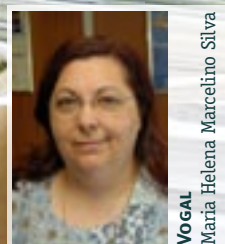
TESOUREIRO
José António Freitas Simões



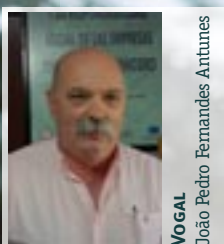
TESOUREIRO SUBSTITUTO
Luís Pereira F. Fernandes



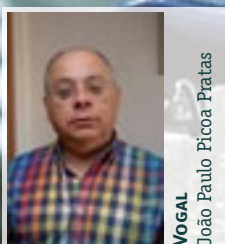
VOGAL
Gentil Reboleira Louro



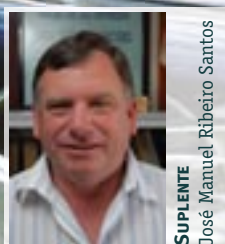
VOGAL
Maria Helena Marcelino Silva



VOGAL
João Pedro Fernandes Antunes



VOGAL
João Paulo Picoa Pratas



SUPLENTE
José Manuel Ribeiro Santos



COIMBRA

Av. Fernão de Magalhães, 476 Apartado 404
3001-958 COIMBRA
Tel.: 239854880; Fax: 239854889

DEP. TEMPOS LIVRES/DESPORTO E VIAGENS / CLUBE DO BANCÁRIO

Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17
3000-250 COIMBRA
Tel.: 239852340; Fax: 239852349

SECRETARIADO REGIONAL DE COIMBRA

Tel./Fax: 239821935

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES FEMININA

Rua do Corpo de Deus, 42 A
- 3º Tel.: 239821657

RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES MASCULINA

Rua dos Coutinhos, 34 - 1º Tel.: 239828233



CALDAS DA RAINHA

Rua da Caridade, 17 - 1º Dtº
500-141 CALDAS DA RAINHA

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 262840020
Fax: 262840029



FIGUEIRA DA FOZ

Rua da Guiné, 57
3080-034 FIGUEIRA DA FOZ

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 233407310
Fax: 233407319



GUARDA

Lg. de S. Francisco, 6º Piso - 1º B
6300-754 GUARDA

SECRETARIADO REGIONAL DA GUARDA

Tel.: 271222016

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 271220450
Fax: 271220455



LEIRIA

Rua Dr. José Henrique Vareda, 27 - 1º
2410-122 LEIRIA

SECRETARIADO REGIONAL DE LEIRIA

Tel.: 244822732

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 244820080/90
Fax: 244820091



UISEU

Rua Nossa Senhora de Fátima, 11
3510-094 UISEU

SECRETARIADO REGIONAL DE UISEU

Tel.: 232425033

POSTO CLÍNICO:

Tel.: 232430670
Fax: 232430679

Destaques

EDITORIAL PAG. 4

Apresentação da nossa Revista de Informação



MENSAGEM DO PRESIDENTE PAG. 5

Entrámos num novo ciclo de vida sindical com oportunidades de participação efectiva dos associados. Com ele termina uma era de ostracismos e abrem-se novas janelas para o futuro.

É o compromisso que resulta da nossa eleição. Contamos cumpri-lo convosco e em unidade.



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA MAG/CG PAG. 6

“Renovar com Esperança” foi o nosso lema e é com esperança que a Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Geral deseja que nos próximos quatro anos os objectivos anunciados sejam devidamente concretizados, pois foram esses que tiveram nas urnas de voto uma resposta inequivocamente afirmativa.



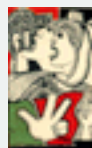
ENTREVISTA AO COORDENADOR DO SAMS PAG. 6

Face à importância que os SAMS/Centro têm para os seus beneficiários e ainda pelo facto de ter um novo Coordenador, um homem com determinação e experiência na área, resolvemos entrevistar Aníbal Ribeiro, actual Vice-Presidente da Direcção e Coordenador dos SAMS/Centro.



25 DE ABRIL E 1 DE MAIO PAG. 8 A 10

As evocações do 1º de Maio e do 25 de Abril fora das suas datas naturais, farão ou não farão sentido?



Índice

EDITORIAL PAG. 4

Apresentação da nossa Revista de Informação

MENSAGEM DO PRESIDENTE PAG. 5

Mensagem do Presidente do Sindicato dos Bancários do Centro

MAG/CG PAG. 6

Mensagem do Presidente da MAG/CG

ENTREVISTA PAG. 7

Entrevista ao Coordenador do SAMS

25 DE ABRIL PAG. 8 E 9

Passado, presente e também futuro

1 DE MAIO PAG. 10

O primeiro de Maio deve continuar a ser o dia da verdadeira festa dos trabalhadores

REGISTO E MEMÓRIA PAG. 11 E 12

Cronologia resumida dos acontecimentos respeitantes ao Acto Eleitoral de 28 de

Abril de 2005, para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Bancários do Centro, para registo simples e memória geral

QUID IURIS PAG. 13

Aconselhamento Jurídico

ASSUNTOS SINDICAIS PAG. 14 E 15

- Notícias
- Formação
- 11º Congresso CES em Sevilha

DESPORTO/CULTURA/LAZER PAG. 16 E 17

- VI Campeonato Nacional de Pesca Desportiva de Alto Mar
- Impressões de um fotógrafo de concurso de pesca que teve de se levantar casualmente muito cedo, à mesma hora que qualquer pescador o faz todos os dias.

PAISAGENS E CULTURAS PAG. 18

- Sou da Gândara, sou gandarês
- Cultura na Cidade

FICHA TÉCNICA

Propriedade

Sindicato dos Bancários do Centro
Av. Fernão de Magalhães, 476
3001-958 Coimbra
www.sibace.pt

Tel.: 239854880 Fax: 239854889
informacao@sibace.pt

Director

Luis Filipe Ardérius

Assistente Editorial

Costa Brites

Conselho Editorial

Aníbal Ribeiro
Carlos Silva
Francisco Carapinha
Freitas Simões

Fotografia

Quim Santos
SBC

Colaboradores

Aníbal Ribeiro
A. Castelo Branco
Costa Brites
J. Frederico Nogueira

Grafismos e Projecto Logótipo

José Brites

Composição Gráfica

Sub Verso - Design Gráfico e Conteúdos Lda.

Impressão

FIG - Fotocomposição e Industrias Gráficas, S. A.
Rua Adriano Lucas
3020 - 265 Coimbra

Tel.: 239 499 922 - Fax.: 239 499 981
figfig.pt

Depósito Legal

260437/07

Tiragem Bimestral

6 500 exemplares

Distribuição gratuita aos associados





Editorial

apresentação da nossa REVISTA DE INFORMAÇÃO

*todo o ser é composto de mudança
tomando sempre novas qualidades.*

Luís Vaz de Camões

mais actualizada e de leitura muito mais sugestiva.

Como não se encontra oficialmente consagrado pela decisão a que se refere o artigo 9º dos nossos estatutos, será entretanto utilizado apenas como sinal evidente que não nos falta nem a intenção, nem a determinação, para encarar as mudanças que são necessárias e fundamentais na governação do nosso Sindicato.

A prioridade sindical exercida com abertura socio-cultural

O conceito principal a desenvolver na nossa **REVISTA DE INFORMAÇÃO** é de que ela irá ser um veículo de opinião e comunicação, idealmente de todos para todos os associados, tentando cobrir um leque tão rico, alargado e personalizado quanto seja possível, longe de qualquer vocação propagandística ou dirigista.

Além dos assuntos de abordagem mais especializadamente sindical, que serão obviamente o cerne dos temas aqui abordados em clima de abertura e transparência, muito há a fazer para que este revista seja, muito mais do que um projecto desta direcção:

- um verdadeiro ponto de encontro de todos os associados do SBC, suas preocupações e anseios, seus valores humanos e interesses da mais variada ordem;

- uma projecção da diversidade cultural e das paisagens das diversas áreas geográficas respectivas, envolvendo nisso toda a riqueza de horizontes que pudermos abarcar.

Neste número de apresentação

- De acordo com os princípios acima descritos chamamos a atenção dos nossos leitores para as comunicações de alguns dos mais altos responsáveis dos corpos directivos, nomeadamente o seu Presidente, o Presidente da MAG e o Coordenador dos SAMS, que desta forma inauguram hábitos de presença comunicativa através deste órgão informativo;

- Relativamente ao passado recente desejamos, sem ocupar demasiado espaço,

deixar registo de uma cronologia histórica de datas e acontecimentos que não convém esquecer, pelo lugar de destaque que devem merecer na memória futura de todos nós;

- Por terem sido vividos por todos nós em tempo oportuno, e com a necessária compenetração cívica e sindical, não queremos deixar de trazer até vós alusões sensibilizadas às datas do 25 de Abril e do 1º de Maio, pela importância referencial que cada uma dessas jornadas encerra.

Renovar e aperfeiçoar todos os utensílios de comunicação do Sindicato

De forma a concretizar tal objectivo depende a nossa **REVISTA DE INFORMAÇÃO** da vontade e do gosto em participar de todos os seus leitores, nossos associados, que gostaríamos de alargar ao respectivo círculo familiar, nomeadamente aos seus filhos.

Fazemos por isso saber que nos encontramos receptivos a comentários, comunicações, ideias e colaborações desse universo de interessados, que nos podem ser remetidos para : informacao@sibace.pt

Chamamos a atenção para a complexidade da coordenação e desenvolvimento desse tipo de iniciativas, cuja realização positiva exige um elevado sentido de serviço, tendo que ser inventados os novos processos que as levarão à prática para que o resultado seja positivo, satisfaça e nos honre a todos.

Desejamos portanto que o trabalho que agora apenas se inicia seja o começo de uma nova forma de comunicarmos entre nós, fazendo da chegada a nossas casas desta **REVISTA DE INFORMAÇÃO** um acontecimento colectivo desejavelmente emocionante, que toque a todos, e no qual todos se sintam parte interessada.

(Luís Filipe Ardérius)

Desejamos a mudança sem ser por motivos fúteis, ou porque nos agrada por comodismo a inconstância.

Desejamos a mudança porque achamos que a maneira mais legítima de lavar erros passados é trabalhar com acerto, correndo os riscos naturais de fazer diferente, sem o receio ou a tibieza indesculpáveis de enfrentar desafios justificados.

De forma a acorrer a necessidades imediatas da gestão do SBC resolvemos portanto encarar desde já, e com sentido de urgência, um período de transição para uma nova forma de estar.

Todos os grafismos alusivos ao nosso Sindicato merecem uma renovação profunda, lamentando nós que desde os símbolos matriciais aos documentos de circulação informativa e a todos os processos de interacção com os nossos associados isso não possa estar já hoje pronto, integralmente feito de acordo com os princípios de uma comunicabilidade escurrita, simples mas esteticamente irrepreensível.

O número zero da nossa revista caracteriza-se por uma simplicidade e uma clareza de grafismos que corresponderá aos princípios fundamentais que desejamos imprimir à nossa acção: transparência, rigor e honestidade.

Lado a lado com o logótipo que há muito tempo vem desempenhando o seu papel na representação gráfica do SBC, e que acusa uma evidente desactualização quer do ponto de vista estético, quer do ponto de vista simbólico, apresentamos um estudo que recupera o essencial dos elementos constituintes do primeiro, numa síntese

Mensagem do Presidente do Sindicato dos Bancários do Centro



Caras e Caros Colegas,

Quando receberem esta renovada **REVISTA DE INFORMAÇÃO** do nosso Sindicato terão passado pouco mais de 60 dias desde o início do nosso mandato.

Início atribulado pelo absurdo das circunstâncias, que o adiaram quase dois anos, mas que os órgãos competentes do nosso Sindicato analisarão, a seu tempo e com o merecido rigor, e ao qual darão o tratamento adequado.

A nova direcção pretende devolver aos associados uma renovada esperança no êxito das várias frentes de trabalho em que o nosso Sindicato e a nossa classe se encontram envolvidos.

Às normais pressões das entidades patronais acrescentam-se antagonismos divisionistas por parte de organizações que têm na sua génese a composição de outros colegas bancários. Estes, ciosos de conquistarem um espaço só seu, à custa de voracidade, infiltram-se junto dos nossos associados tentando desestabilizar o nosso Sindicato. Para uns e para outros saberemos, em conjunto, encontrar as respostas mais pragmáticas que permitam defender o nosso património comum e aumentar a nossa capacidade reivindicativa.

Não somos uma mera companhia de seguros de saúde que efectua convenções e gere pagamentos. Somos uma verdadeira associação Sindical.

Temos um valioso património constituído pelos nossos próprios serviços:

- postos clínicos e loja de óptica – distribuídos e descentralizados pelos

vários distritos da nossa área sindical, que são uma mais-valia para todos os nossos beneficiários, que importa zelar, fazer crescer e rentabilizar;

- quase uma centena de colaboradores que dão, alguns há mais de trinta anos, o melhor do seu brio e profissionalismo à classe dos bancários e cuja estabilidade e solidez familiar dependem do seu/nosso Sindicato;

- um Departamento de Qualidade de Vida dos mais ecléticos de todo o movimento sindical nacional, que possibilita a milhares dos nossos associados e seus familiares desfrutar de actividades ao longo do ano, a preços competitivos.

Além disso:

- os nossos Serviços Jurídicos foram reforçados, já por nós, com uma componente extra-sindical: o Aconselhamento Jurídico, que só vem enriquecer a nossa capacidade de oferta de serviços de qualidade;

- a Formação é, cada vez mais, uma aposta inter-geracional de enriquecimento de conhecimentos extensível a todos os associados, e que até agora só estava ao alcance dos colegas do activo. Decidimos implementar um plano de formação em novas tecnologias destinado aos colegas reformados que vai, certamente, ao encontro de muitas expectativas;

- até ao final do ano esperamos ter em pleno funcionamento a Comissão Sindical de Reformados, com autonomia financeira e administrativa, que potencie um contacto estreito com os seus representados, na defesa dos respectivos interesses, que até

agora se encontravam afastados do convívio sindical por decisão da cúpula dirigente;

- Esta nova **REVISTA DE INFORMAÇÃO** do SBC pretende ser mais um elo de contacto profícuo entre a direcção e os associados, transformando-se num difusor de outros modos de ver e sentir a nossa sociedade, no respeito pelas opiniões, conforme as regras da convivência democrática e da elevação sindical.

É a TODOS os associados que me dirijo e que desejo convidar a visitar o seu/nosso Sindicato.

Este espaço também é vosso.

Desfrutem dele com as vossas experiências e perspectivas. Na coluna de opinião esclareçam e esclareçam-se. Este é um instrumento de proximidade que estamos a relançar.

Entrámos num novo ciclo de vida sindical com oportunidades de participação efectiva dos associados. Com ele termina uma era de ostracismos e abrem-se novas janelas para o futuro.

É o compromisso que resulta da nossa eleição. Contamos cumpri-lo convosco e em unidade.

Um abraço fraterno do

(Carlos Silva)



Mensagem do Presidente da Mesa da Assembleia Geral/Conselho Geral

“Renovar com Esperança” foi o nosso lema e é com esperança que a Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Geral deseja que nos próximos quatro anos os objectivos anunciados sejam devidamente concretizados, pois foram esses que tiveram nas urnas de voto uma resposta inequivocamente afirmativa.

Realizou-se no passado dia 23 do mês de Março o primeiro Conselho Geral após a tomada de posse efectuada em 15 e 16 do mesmo mês dos novos corpos gerentes, dos conselheiros e Secretariados das Secções Regionais.

Passados os últimos 22 meses de acção sindical bastante conturbada, é tempo de libertar o nosso Sindicato de prejuízos incalculáveis causados pela falta de escrupulos e pela arrogância sem limites de escasso número de dirigentes obstinadamente agarrados ao poder sem razão nem direito democrático.

Sem esquecer o passado recente, porque a história não se apaga, chegou o momento de os novos corpos gerentes arregaçarem as mangas com dedicação e saber, levando à prática o programa de acção oportunamente proposto aos trabalhadores bancários da Zona Centro, e por eles claramente sufragado.

“Renovar com Esperança” foi o nosso lema e é com esperança que a Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Geral deseja que nos próximos quatro anos os objectivos anunciados sejam devidamente concretizados, pois foram esses que tiveram nas urnas de voto uma resposta inequivocamente afirmativa.

O Conselho Geral como assembleia de representantes dos associados tem enormes responsabilidades que lhe são conferidas pelos estatutos: é o órgão central deliberativo por excelência só superado pela Assembleia Geral.

As suas competências são vastas e de primordial importância para o nosso Sindicato pelo que são enormes as responsabilidades dos conselheiros a quem é exigida disponibilidade para, com serenidade e saber, contribuírem para que as decisões tomadas melhorem as condições de vida de todos os associados.

A eleição dos conselheiros é efectuada por voto directo e secreto na Assembleia Geral Eleitoral e no seu conjunto todas as sensibilidades sindicais se encontram representadas.

Nos termos do regimento desse órgão é permitido que todos os associados que o desejarem, sem direito a voto ou intervenção, assistam às suas reuniões. Nesse sentido os associados do nosso sindicato serão sempre convidados pela Mesa da Assembleia Geral/Conselho Geral a assistir aos debates e votações respectivas.

Saudações Sindicais

(Mário Figueira)



Entrevista ao Coordenador do SAMS

No final de 2006 os SAMS tinham 13 810 beneficiários. Na sua qualidade de utentes também se encontram inscritos nos Postos Clínicos dos SAMS, mais 2 300 utilizadores. Nos beneficiários titulares destaca-se a diminuição dos trabalhadores no activo e o aumento de colegas na situação de reforma.

Tendo como máxima manter a estabilidade económico-financeira, os SAMS Centro, pretendem, dentro do possível, melhorar os processos de trabalho e modernização dos seus equipamentos, reforçar a prestação interna de serviços de saúde e dinamizar a celebração de protocolos com entidades externas em zonas onde a protecção à saúde seja mais carenciada.

Face à importância que os SAMS/Centro têm para os seus beneficiários e ainda pelo facto de ter um novo Coordenador, um homem com determinação e experiência na área, resolvemos entrevistar Aníbal Ribeiro, actual Vice-Presidente da Direção e Coordenador dos SAMS/Centro.

Atendendo a que os SAMS têm uma componente muito importante no nosso Sindicato, quais as medidas que este Conselho de Gerência pretende implementar?

Os SAMS são um subsistema que se afirmou no quadro da saúde pela positiva, quer relativamente ao Serviço Nacional de Saúde, quer aos seguros de saúde privados.

São um sistema de saúde diferente, pelo facto de terem postos médicos aos quais os bancários e elementos do agregado familiar podem aceder, regra geral num curto espaço de tempo, com acesso a várias especialidades e a custos reduzidos.

Respondendo concretamente à pergunta, podemos adiantar que com estudos fundamentados e não pondo em questão a sua estabilidade económica-financeira, os SAMS irão proceder à modernização dos postos clínicos tendo em vista um melhor atendimento dos beneficiários e utentes.

O que quer dizer por modernização?

É o conceito de dotar os postos de equipamentos com tecnologia de ponta, onde os bancários possam fazer grande parte dos tratamentos que lhe são prescritos. Isto vai obrigar os SAMS a um grande investimento que terá o seu retorno se os bancários sentirem estes serviços como seus e aí acorrerem nas suas necessidades.

Só com bancários, é possível rentabilizar os serviços?

A política de gestão deste Conselho de Gerência é a de rentabilizar os espaços e os equipamentos que temos à nossa disposição.

Neste momento já temos protocolos com várias instituições no sentido de prestarem serviços médicos, seguramente a um

custo mais baixo que o que se pratica externamente, e terá também a sua contribuição como regulador de mercado.

Também os bancários dos Sindicatos do Norte, Sul e Ilhas, sócios da CGD e os seus familiares podem vir aos Postos Médicos?

Temos acordos com os nossos congéneres para que esses bancários e respectivo agregado familiar possam vir aos nossos serviços internos, assim como os nossos associados possam aceder aos deles.

Quanto à despesa efectuada pelos beneficiários que se habitua à participação, o que pensa este Conselho de Gerência fazer?

Uma das primeiras medidas deste Conselho de Gerência foi fazer um estudo das tabelas, procurando no mercado os valores de referência para as mesmas e actualizá-las, podendo afirmar mesmo que houve um aumento ponderado na base de 23,5%. Continuaremos atentos ao evoluir do mercado para que os bancários sintam cada vez menos a diferença entre o valor da despesa e da participação.

Gostaria de referir que, mesmo tendo serviços próprios, os SAMS são aqueles que melhor participação atribuem.

Os SAMS têm Lojas de Óptica. Existem no mercado várias ópticas, sendo grande a concorrência. Será esta a melhor solução?

Os SAMS têm uma filosofia, que é a de serviço com qualidade a preços acessíveis. Nesta perspectiva iremos melhorar as condições de fornecimento de ortóteses oculares, equipar a Loja de Óptica com tecnologia de ponta, para que os trabalhos

saiam perfeitos e a preços mais acessíveis. O que posso garantir como coordenador é que, nos SAMS, nunca será vendido gato por lebre.

Com a abertura dos SAMS/Loja Óptica ao exterior e com uma maior clientela é possível que daqui a algum tempo os preços possam baixar, pois o nosso interesse é que os bancários tenham mais e melhores serviços a preços mais reduzidos.

Em relação às especialidades médicas dos serviços internos, é para continuar a política de contratação de clínicos?

Sem dúvida que temos o objectivo de dotar os Postos com mais especialidades, mas isso só será possível se houver Clínicos disponíveis para tal e se a procura assim o justificar.

Caso não haja clínicos disponíveis ou não se justifique a sua contratação, que medidas pensa implementar?

Temos os postos clínicos espalhados pela nossa área de intervenção sindical, sabendo que em algumas zonas os Clínicos de especialidade escasseiam, pelo que, no sentido de satisfazer os nossos beneficiários, estabeleceremos acordos e protocolos com as entidades aí sedeadas no sentido de os mesmos não se sentirem prejudicados em relação aos dos grandes centros.

Tem-se ouvido falar do SAMS Nacional. Para quando esta realidade?

Como coordenador dos SAMS e Vice-presidente do SBC posso afirmar que tudo farei para que os SAMS unificados sejam uma realidade. No entanto, tal só será possível se as outras partes estiverem disponíveis. Vamos encetar conversações com os outros parceiros e talvez numa próxima entrevista já possamos adiantar algo mais.



SALGUEIRO MAIA

*Aquele que na hora da vitória
Respeitou o vencido*

Aquele que deu tudo e não pediu a paga

*Aquele que na hora da ganância
Perdeu o apetite*

*Aquele que amou os outros e por isso
Não colaborou com sua ignorância ou vício*

*Aquele que foi «Fiel à palavra
dada à ideia tida»
Como antes dele mas também por ele
Pessoa disse*

Sophia de Mello Breyner Andresen

AS EVOCAÇÕES DO 1º DE MAIO E DO 25 DE ABRIL FORA DAS SUAS DATAS NATURAIS, FARÃO OU NÃO FARÃO SENTIDO?

A questão põe-se por derivar de uma outra: da banalização ou da debilidade na sua comemoração em data apropriada, apenas porque condizente a atitude com a folha que mostra, nesse dia, o calendário.

É por essa razão que não desistimos de trazer aqui esses dois temas, convencidos que episódios já mil vezes recontados – por estarem aparentemente “fora de contexto” – fiquem de facto mais próximos do seu significado real. E para que aqueles rostos e aqueles símbolos associados a necessidades concretas e imposições da consciência cívica não murchem ou empalideçam no dia seguinte, por efeito de um grande esquecimento ou de um lamentável apagamento da vontade colectiva.

Não se trata portanto de contar uma história qualquer.

Trata-se de pôr à prova a nossa coragem de reflectir sobre as coisas que queremos agora e no futuro para nós e para os que virão depois.

Trata-se de fazer um apelo concreto à vontade que temos de manter a verticalidade de cidadãos capazes de consciência activa e de trabalhadores que sabem que perder a dignidade e os direitos mais elementares nunca é um facto isolado ou inconsequente.

Se isso acontece é apenas o sinal de alarme para o que vem a seguir e pode configurar-se na perda da dignidade e da honra de quem trabalha.



O 25 de Abril passado, presente e também futuro



COSTA BRITES 1978

A liberdade é um sonho encarecido por todos os povos cuja conquista, ainda que frágil e momentânea, se encontra associada aos maiores sacrifícios.

Lendo-se a história se vê claramente, pelo contrário, que a tradição das opressões é duradoura, persistente e impiedosa.

Os sumos sacerdotes das verdades incontestáveis, os sinistros tribunais dos santos ofícios, as mesas censórias, os vigilantes obscuros e os denunciadores ocultos pela capa da cobardia são assíduos nos romances do medo mas muito mais eficazes no plano da realidade quotidiana de tantos milhões de criaturas, durante tantos e tantos séculos de vidas vividas.

E nós, gerações bafejadas pelo entusiasmo

da madrugada dos cravos, que temos feito nós desse luminoso momento de esperança e redenção?

Não tendo ainda passado quatro décadas sobre a data do 25 de Abril, diluiu-se já boa parte da memória do que era Portugal na configuração dos arcaísmos ideológicos de um regime de opressão.

As novas gerações de portugueses que estão aí, por mais que se esforcem pais e pedagogos, não conseguem configurar na sua imaginação os horizontes de tristeza e sujeição dum quotidiano que esteve reservado, como fatalidade, às gerações que os antecederam.

Uma aparente despreocupação baseada na falta de diálogo e de esclarecimento poderá semear a ilusão fatal de que a liberdade é um bem definitivo e inamovível.

As Liberdades de Abril, sonho incerto ou esperança inabalável?

Lembrar esse passado recente é, pois, uma exigência ética que tantas vezes tem sido lamentavelmente descurada, e até traída.

Teria sido essencial divulgar e promover a face mais exaltante desse movimento: o seu carácter de projecto colectivo generoso, vertido no texto da lei fundamental da democracia portuguesa, amplamente aberta à justiça, ao desenvolvimento e à solidariedade.

Tal não foi feito, lamentavelmente, por contingências diversas de natureza política e conveniências sectoriais de natureza económica, pelo que pode dizer-se que

estão por cumprir, efectivamente, as promessas fundamentais de Abril.

Não é possível, nem sensato, esquecer as mudanças entretanto ocorridas a nível global, sobretudo no que toca a uma crescente sujeição da política às razões do poder financeiro e a estratégias desumanamente ultra liberais que conduzem ao definhamento dos modelos sociais, ao aumento do desemprego, da exclusão social, da insegurança e à perda de liberdades cívicas sob os mais estranhos pretextos.

Se nos ideais de mudança qualitativa de recuperação de direitos expropriados e na instauração de uma sociedade mais justa e equilibrada residia a grandeza do 25 de Abril, é essencial para todos nós não deixar esquecer o seu espírito, a sua determinação e o seu sonho, que em certo momento todos julgámos inabalável.

Para que as gerações futuras não tenham de regressar aos dias cinzentos do passado, melhor será reforçar em todos nós a atitude esperançosa e realizadora dos ideais de Abril, renovando com coragem não só as festas e as canções: trabalhando corajosa e decididamente em todas as frentes, com acerto e empenho, na construção de uma sociedade mais democrática, mais participante, mais justa!...

Reconstruamos Abril em cada dia que passa, para que se cumpram os seus ideais.

Viva a liberdade, viva a justiça, viva Abril!...



UMA COISA NUNCA VISTA

JOÃO ABEL MANTA 1974

O primeiro de Maio deve continuar a ser o dia da verdadeira festa dos trabalhadores

Passados 121 anos após o 1º de Maio inicial de 1886, efeméride manchada pela memória do sangue e da repressão, muitos trabalhadores celebram agora aquela data de forma quase indiferente, normalmente integrados em manifestações ou noutras actividades realizadas pelos Sindicatos.

Face à rapidez alucinante das transformações que as sociedades de hoje evidenciam, importa questionar qual o sentido que têm tais iniciativas, seus objectivos mobilizadores e seus frutos de aproveitamento socio-cultural, sindical, etc.

Os reduzidos níveis de formação entre os portugueses em geral e a baixa qualidade do ensino têm constituído um obstáculo ao crescimento económico, motivando o empobrecimento do nosso país face à média europeia, a par da adopção de políticas com resultados francamente pouco positivos.

Há muito que fazer para melhorar este estado de coisas, o que se encontra dificultado por uma enorme quantidade de factores, mormente os que se relacionam com o pendor especulativo que a economia foi adquirindo no contexto da globalização.

De notar que apenas uma percentagem insignificante de todos os movimentos de capitais ao nível do mundo inteiro corresponde a trocas de mercadorias, destinando-se uma acentuada maioria a movimentações especulativas de capital financeiro, o que arrasta toda a economia mundial para um acentuar de assimetrias, de desigualdades e da avassaladora concentração da riqueza na posse de um número cada vez mais exiguo de detentores.

O mercado laboral tem-se ressentido de forma aguda desse conjunto de fenómenos, envolvendo essa evolução uma crescente depreciação dos níveis de protecção social, geradores em si mesmos de falta de qualidade de vida e de regressão socioeconómica que a ninguém aproveitam.

A miséria de largo número de trabalhadores arrasta a economia para padrões de instabilidade e de estagnação

Como nota muito breve a este estado de coisas, julgamos que é essencial que se não caia no género de políticas que permitem a deterioração sistemática dos direitos dos trabalhadores, pela imposição do regime

e da ideologia de crise, que afinal vigora apenas para alguns, enquanto outros vão arrecadando escandalosas benesses e lucros faraónicos por processos que muitas vezes – ou quase sempre – são da mais descarada e inadmissível irregularidade.

Se houver um trabalho dedicado, honesto e bem articulado entre o mais alargado leque de sectores sociais, pode e deve ser melhorada a produtividade e o crescimento económico em benefício da sociedade em geral, num clima de adequada e justa distribuição da riqueza.



A educação deve deixar de ser uma paixão adiada, e a aposta na formação a todos os níveis deve merecer uma maior e mais afinçada atenção.

A responsabilidade dos governos, dos sindicatos e de todos os organismos de interesse sócio económico na manutenção da liberdade, do progresso e da paz social

A momentosa questão da democraticidade e da liberdade no seio das organizações sindicais tem sido palco de lutas sem fim, acabando todas elas no enfraquecimento do potencial de intervenção das classes trabalhadoras por efeito da fractura e pulverização dos organismos de defesa dos interesses das mesmas.

Quanto à democraticidade e à liberdade no seio das entidades patronais jamais se ouviu contestar a sua unicidade firme e o facto

de se exprimirem continuamente a uma só voz!...

De grande importância é também um desempenho honesto e esforçado por parte dos sindicatos na concertação social, que não se baseie apenas em consagrar nas costas dos trabalhadores as soluções que menos lhes interessam, sem salvaguardar o legítimo interesse do país em geral e dos trabalhadores em particular, que somos todos nós, afinal!

Só a defesa atenta e diligente de tais princípios estratégicos pode oferecer a garantia futura de paz e harmonia social, progresso e trabalho ao alcance de todos os cidadãos em condições de dignidade e plena satisfação dos direitos humanos respectivos.

A globalização do bem-estar contra a globalização da miséria

O arrastar de situações deste tipo, que infelizmente vemos alastrar em espiral ascendente por todo o mundo, reflectem o apodrecimento da ideia de democracia que lança as sociedades humanas na mais imoral desigualdade económica, dado que o efeito da globalização, que todos consideram inevitável, está a fazer-se pela negativa, ou seja, o que se esperava é que se estendessem aos trabalhadores de todo o mundo os direitos e o bem-estar que tão duramente foram conquistados pelos trabalhadores do mundo ocidental, ao longo de mais de uma centena de anos; e o que vemos é a globalização da miséria e do desemprego, mantendo os trabalhadores de vastas áreas do mundo num regime de ausência de direitos e retirando a outros os direitos já adquiridos. Tudo isto enquanto os lucros aumentam fabulosamente para alguns.

Para finalizar estes breves considerandos em torno do dia 1º de Maio, festa dos trabalhadores, desejamos reforçar a ideia de que tais desigualdades não enobrecem os privilegiados que desfrutam de todos os benefícios que o dinheiro pode comprar, mas arrastam a imensa maioria dos desamparados, não só para a pobreza infeliz e para a indignidade insuportável: são fontes de desespero e cadinhos de violência que a todos poderão atingir um dia, quer directa, quer indirectamente.

CRONOLOGIA RESUMIDA DOS ACONTECIMENTOS RESPEITANTES AO ACTO ELEITORAL DE 28 DE ABRIL DE 2005, PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO, PARA REGISTO SIMPLES E MEMÓRIA GERAL



As eleições realizadas em 28 de Abril de 2005 decorreram, como todos os anteriores actos eleitorais, de forma normal, designadamente sob os pontos de vista participativo e cívico. Apresentavam-se a sufrágio duas listas:

- a Lista A, cujo lema era “Renovar com Esperança” adoptava um posicionamento de mudança e de reencontro entre associados do SBC;
- a Lista B, que a si mesma se designava como “Lista da Direcção”, defendia posicionamentos de continuidade de um poder há longo tempo exercido pelo mesmo grupo de elementos dirigentes.

Ocorreram entretanto os acontecimentos que a seguir se enumeram resumidamente, ordenados cronologicamente

28.04.2005	Os votos, após a sua recepção, foram sendo lançados informaticamente, pelos Serviços Administrativos do Sindicato, sob a supervisão e com o visto do então Presidente da MAG/CG, Dr. Teles Grilo, podendo os resultados ser acompanhados através do site e da intranet do Sindicato. Primeiro facto inesperado que surpreende a generalidade dos sócios do Sindicato: A informação de dados relativos ao apuramento da votação, tornada excessivamente morosa, deixa de estar patente na página respectiva do site na Internet do SBC.
11.05.2005	O Presidente da MAG/CG, Dr. Teles Grilo ordena a suspensão da informação eleitoral on-line: – quando já estavam escrutinados 91,60 % dos votos efectuados (liderando a votação a Lista A com 1.743 votos, contra 1.605 votos da Lista B); – após ter anulado os resultados verificados em 244 mesas de voto, correspondentes a mais de 1.200 votos; – ignorando deliberadamente o conteúdo do Artº 79 dos Estatutos e as certidões nas quais se certifica que não foram apresentados reclamações, protestos ou recursos nas votações de tais mesas.
16.05.2005	Por deliberação do Presidente da MAG/CG, Dr. Teles Grilo, é declarada vencedora a Lista B, com 1.173 votos, sendo atribuídos à Lista A 1.155 votos;
16.05.2005	A Lista A apresenta recurso da deliberação da MAG para o Conselho Geral do SBC. Em simultâneo é marcada a tomada de posse da lista B, designado o local e feitos os convites para a cerimónia respectiva, a ter lugar no dia 23 de Maio seguinte.

17.05.2005	O recurso é indeferido pelo Dr. Teles Grilo, por entender que tal solicitação lhe deveria ter sido dirigida, na qualidade de presidente daquele órgão directivo.
17.05.2005	Como medida cautelar, são apresentados recursos pela Lista A dirigidos ao C.G. e à MAG.
18.05.2005	Os elementos da Lista A, apercebendo-se que vai ser mantida a tomada de posse, marcada para dia 23 no Hotel D. Inês, apresentam no Tribunal de Trabalho, pelas 15:30 horas, um “Pedido de Citação Prévia” (“Providência Cautelar”), - PROC. Nº 605
20.05.2005	O Tribunal de Trabalho, notifica as partes da aceitação do “Pedido de Citação Prévia”, cancelando a tomada de posse em causa.
30.05.2005	A pedido da Lista A, dá entrada em Tribunal do Processo a pedir a convocação do C. Geral. (Estatutos - Artº.84º, nº5 - da deliberação da MAG, sobre o resultado final do apuramento do acto eleitoral; cabe recurso para o CG, que “deliberará em última instância”) - PROC. Nº 639 (Convocação do Conselho Geral).
02.03.2006	Acórdão do Trib. da Relação dá Razão à Lista A, quanto à legitimidade de requerer a convocação do Conselho Geral.
08.07.2006	Reunião do Conselho Geral, convocada pelo Tribunal de Trabalho, em sala de Audiências do mesmo, presidido pelo Advogado Dr. Nuno Castelhana, também nomeado por aquele Tribunal - por recusa do presidente da MAG/CG - para deliberar sobre o recurso interposto da deliberação da mesma de 16.05.2005, sobre o apuramento do resultado eleitoral. O Conselho Geral, com os votos a favor de 29 Conselheiros, 18 votos contra e 2 abstenções, considera validados todos os votos constantes das actas de todas as 244 mesas de voto anuladas que não foram objecto de recurso, contando os mesmos para o apuramento geral do Acto Eleitoral, deliberando assim, atribuir a vitória à Lista A, por ter averbado 1827 votos contra 1648 da Lista B.
11.07.2006	Entrega de carta, em mão, pelos membros da Lista A, ao Dr. Teles Grilo, lembrando-lhe que devia empossar a Lista vencedora até ao oitavo dia subsequente ao do apuramento definitivo dos resultados, de conformidade com o Artº.85º dos Estatutos do SBC.
08.08.2006	Perante o silêncio do Dr. Teles Grilo, foi entregue nova carta - agora registada - voltando a lembrar-lhe que devia marcar a tomada de posse, o que este recusa, obstruindo de forma deliberada o exercício dos cargos.
14.08.2006	Resposta por carta do Presidente da MAG/CG, Dr. Teles Grilo a negar-se ao solicitado, obrigando de novo a Lista A, a recorrer ao Tribunal de Trabalho, para solicitar a mesma tomada de posse.
31.08.2006	Interposição pela Lista A, no Tribunal de Trabalho do “Incidente - Investidura em Cargos Sociais”.
21.12.2006	Audição de Testemunhas no Tribunal de Trabalho.
08.01.2007	Continuação da audição de testemunhas.
15.03.2007	Data designada pelo Tribunal do Trabalho de Coimbra para INVESTIDURA JUDICIAL DOS ORGÃOS SOCIAIS DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO





QUID IURIS ACONSELHAMENTO JURÍDICO

J. Frederico Nogueira

Com a **REVISTA DE INFORMAÇÃO** surgiu a ideia de abrir uma rubrica aberta às questões jurídicas que afectam os trabalhadores e, muito especialmente, os trabalhadores bancários.

Como é sabido da generalidade dos bancários, rubricas como esta existem nas congéneres revistas “O Bancário” editada pelo SBSI e “Consultório Jurídico” editada pelo Sindicato dos Bancários do Norte.

Quem tenha lido aquelas colunas verificou que albergam, genericamente, textos de interpretação das normas do Código de Trabalho ou das várias Convenções Colectivas aplicáveis ao sector bancário.

Não quisemos trilhar este caminho. E apesar da rubrica se chamar “Quid Iuris” a nossa intenção não é a de nos circunscrevermos à mera explicitação de institutos jurídicos. Optámos, conscientemente, por seguir um caminho diverso, de divulgação de pequenas histórias, com contornos jurídicos é certo mas que consubstanciam casos reais que afligiram trabalhadores concretos.

Obviamente não forneceremos quaisquer elementos que permitam identificar os trabalhadores protagonistas das histórias, como não divulgaremos os Bancos onde os factos aconteceram.

Assim definidos os parâmetros do que pretendemos fazer iniciemos a primeira história.

“ O saco de Viagem Verde”

Há já alguns anos um trabalhador bancário apresentou-se na sede do Sindicato. Acompanhavam-no rugas evidentes de quem não teria tido vida fácil e, um grande saco de viagem de cor verde. Nunca abandonando o saco de viagem – verde-falou do problema que o fez deslocar-se a Coimbra. Exercera funções de “Caixa” e, nos últimos anos, fora obrigado a permanecer, com regularidade, muito para além do seu horário de trabalho, na Agência, trabalhando sem qualquer retribuição.

Acrescentou que, recentemente, tinha passado à situação de reforma, mas a liberdade que pensava ter conquistado não o impedia de sentir uma raiva profunda por tudo o lhe sucedera nos últimos anos e que, sabia continuava a suceder aos seus colegas de trabalho.

Questionado sobre se tinha provas das suas afirmações abriu o saco – Verde – e dele retirou milhares de registos de fecho de caixa e recibos de retribuição, ordenados por dias, meses e anos, onde constava a sua identificação informática, a data e as horas de abertura e, de fecho, do seu terminal.

Em muitos dos dias, inscrevera os acontecimentos que mais o tinham marcado, desde os dias de comemoração familiar a que não pudera comparecer, aos acontecimentos de natureza desportiva, dos acontecimentos nacionais aos internacionais. Não se tratava de “fechos de Caixa” eram anuários indignados

dos últimos anos de vida activa de um trabalhador.

Face a tal manancial de provas de trabalho suplementar não pago, foi interposta uma acção junto do Tribunal de Trabalho para obter a condenação do Banco sua entidade patronal, ao pagamento desse trabalho.

No dia marcado para a audiência de partes – que necessariamente precede a discussão da causa – no Tribunal, presentes os advogados, o senhor juiz disse:

Senhores doutores as provas apresentadas são arrasadoras para o Banco e não se questione a sua veracidade, num dos dias está escrito “ hoje joga o meu Sporting” “ e o Gerente disse “Querias ver o Sporting pois hoje temos que ficar aqui até mais tarde” “ Até já goza comigo - não vi o Jogo” Senhores doutores “eu sou do Sporting e, vi esse jogo”...

Logo aí o Banco aceitou pagar o trabalho suplementar que não havia pago. Quanto ao trabalhador, que ainda hoje goze dos muitos milhares de euros que, com a sua pertinácia e inteligência, conquistou ... nem que seja a ver todos os jogos a que não conseguiu, então, assistir.

Mas o sucedido merece uma pergunta: quantos mais trabalhadores bancários recolhem, pertinaz, paulatina e quotidianamente provas do trabalho suplementar que diariamente fazem e que não lhes é pago? ...Porventura para gozarem o resultado, com juros, na sua reforma.

Aconselhamento Jurídico

A Direcção do SBC, correspondendo a um compromisso eleitoral, deliberou implementar um programa de Aconselhamento Jurídico, que consiste numa consulta jurídica, sobre assuntos de qualquer índole, sejam particulares ou profissionais.

A Consulta é gratuita e destina-se a todos os associados do SBC, que deverão contactar o Secretariado das Secções Regionais da sua área no sentido de proceder à marcação da mesma, bem como para obter quaisquer esclarecimentos adicionais.

Os Colegas da área de Coimbra, deverão contactar o Gabinete de Apoio à Direcção.

Este serviço é prestado por um Advogado não pertencente ao Gabinete Jurídico do Sindicato, os quais mantêm a sua actividade, quer na área da Contratação Colectiva, quer no acompanhamento e defesa dos Associados, quando estiverem em causa assuntos respeitantes às relações laborais que se enquadrem nos Acordos Contratuais celebrados com as Instituições de crédito ou na Lei.

Notícias

* Como é do conhecimento dos Colegas, a quem foram já enviadas as novas tabelas salariais, os três Sindicatos Verticais – SBC, SBN e SBSI – e os representantes da Banca, chegaram a acordo sobre a revisão das tabelas salariais e cláusulas de expressão pecuniária.

Tais elementos poderão, todavia, se alguém o desejar, ser consultados no site do Sindicato.

* As negociações com o BCP tiveram um cariz especial, porque o banco fazia depender a aprovação da tabela salarial de um conjunto de matérias relacionadas com a aplicação do Plano Complementar de Reformas.

Em 12 de Abril passado, os representantes dos Sindicatos, em nova reunião com a Administração do BCP, acordaram salvaguardar os “direitos adquiridos pelos trabalhadores e beneficiários abrangidos pelo Plano Complementar de Reformas actualmente em vigor”, introduzindo um novo n.º na Cl.ª 113.ª do ACT.

Foi, assim, possível as partes chegarem

a acordo relativamente à revisão salarial e cláusulas de expressão pecuniária e ao restante clausulado do ACT do Grupo.

Foi ainda decidido publicar como anexo ao ACT, agora em revisão, o texto do clausulado dos contratos constitutivos do Fundo de Pensões do BCP e do Fundo de Pensões do BCP Contribuição Definida.

Foi igualmente acordado divulgar junto dos trabalhadores um documento conjunto dos Sindicatos e da Administração do BCP, visando esclarecer eventuais dúvidas decorrentes da aplicação do Plano de Reformas, bem como o texto integral das cláusulas alteradas.



FORMAÇÃO

Os cursos no Sindicato prosseguem

Na sequência do calendário estabelecido pelo Departamento de Formação e tendo em vista a valorização dos associados e colaboradores, estão a decorrer vários acções de formação, organizadas pelo Gabinete de Organização e Métodos do Sindicato, e relevante apoio dos Secretariados das Secções regionais.

De salientar o Curso de Fiscalidade, que decorreu em Coimbra, de 27.03 a 03.05;

Os cursos de Inglês I em Leiria, Viseu e Coimbra, com início em 17.04, 24.04 e 04.05 e encerramento previsto para 28.06, 27.06 e 09.07, respectivamente;

O curso de Excel Avançado, a processar-se em Cantanhede de 03.05 a 05.06 e, O curso de Powerpoint, com realização na Guarda, de 17.05 a 21.06.

Mais uma vez se realça a importância destas iniciativas que, para além de construírem mais valias profissionais e pessoais,

são simultaneamente, um factor de sindicalização e fidelização dos associados.

O SBC, irá oportunamente promover, nas instalações da Rua Lourenço Almeida Azevedo, formação na área de Informática para Colegas reformados.

Logo que agendadas tais acções será feita a respectiva divulgação, tendo em vista a inscrição dos eventuais interessados.



11.º CONGRESSO CES EM SEVILHA

Aníbal Ribeiro

“À ofensiva pela Europa social, pela solidariedade e pelo desenvolvimento sustentável”

Este foi o lema do 11.º Congresso da Confederação Europeia de Sindicatos (CES), que se realizou, de 21 a 24 de Maio, em Sevilha.

Aguardado com enorme expectativa face aos desafios que a globalização coloca aos trabalhadores europeus, o Congresso, órgão máximo da CES, com o lema “À ofensiva pela Europa social, pela solidariedade e desenvolvimento sustentável”, definiu a política geral da organização para os próximos quatro anos.

Na mensagem de boas vindas aos participantes, John Monks, Secretário-geral da CES, referiu “...os sucessos consideráveis alcançados pelos sindicatos europeus desde a realização do último Congresso, quer com a alteração substancial do texto inicial da directiva de Serviços, quer com a forte mobilização que fez inflectir uma proposta de grande liberalização dos mercados; sucesso registado também no que concerne à legislação europeia sobre substâncias químicas, no sentido de uma maior responsabilização da indústria na protecção da saúde dos trabalhadores...”.

No entanto, segundo John Monks, muito há ainda por fazer: o tratado constitucional continua num impasse, bem como a directiva sobre flexibilidade. “...Os sindicatos têm um papel a desempenhar, encontrando soluções para os numerosos problemas que os trabalhadores terão de enfrentar; num contexto em que a precariedade se generaliza, devemos estar vigilantes e activos...”.

John Monks defende ainda que os sindicatos devem “...enfrentar o desenvolvimento do capitalismo financeiro selvagem que altera as regras económicas e dá poder sobredimensionado aos accionistas em detrimento dos trabalhadores...”.

A CES acolheu em Sevilha mais de mil delegados de 36 países, representando 81 confederações nacionais, destacando-se não só os principais dirigentes sindicais europeus bem como numerosas personalidades, tais como o presidente do governo espanhol José Luis Rodríguez Zapatero e o Presidente da União Europeia José Manuel Durão Barroso.

Portugal esteve representado pelos principais responsáveis da CGTP e da UGT, entre os quais o Vice Presidente do SBC e Coordenador dos SAMS, Aníbal Ribeiro.

Neste Congresso, o secretário-geral da UGT, João Proença, foi eleito vice-presidente da Confederação Europeia de Sindicatos, tendo intervindo em apoio ao programa de acção nas áreas do diálogo social, da negociação colectiva e da participação, com um sindicalismo de proposição e compromisso, numa Europa em que o progresso económico vá lado a lado com o progresso social.

Referiu ainda ser a participação dos trabalhadores fundamental para o reforço da construção europeia e as duas grandes dificuldades com que os mesmos se confrontam, falta de empenhamento de grande parte dos empregadores que defendem políticas económicas europeias e políticas sociais somente nacionais e da Comissão e do Conselho Europeu que perdeu o seu papel de promotor e dinamizador do diálogo social europeu, característico dos tempos de Jacques Delors, sendo fundamental rever e implementar políticas de reforço da participação nas empresas europeias, de promoção da qualidade do emprego, do combate às discriminações.

Aludiu também que as confederações sindicais nacionais, têm que assumir uma maior determinação na transposição dos acordos europeus e uma pressão permanente junto dos governos nacionais na defesa da Europa Social. A CES exige respeito pelo direito à negociação colectiva a nível europeu e a nível nacional, sendo necessário que haja efectivos avanços na participação sindical na discussão das reestruturações, que evitem deslocalizações das multinacionais como as que estão a ocorrer com a Delphi, em Puerto Real (Espanha) e na Guarda (Portugal). E aqui é importante uma grande cooperação com

a Confederação Sindical Internacional, particularmente através do Conselho Regional Pan-Europeu.

Fez também referência à aprovação no último Comité Executivo da CES de uma Declaração sobre os Salários Mínimos, a Igualdade e as Negociações Colectivas, que pela sua importância deverá fazer parte integrante do actual Programa de Acção, sendo indispensáveis políticas de rendimentos diferentes com ganhos reais nos salários e nas pensões, por exigências de uma mais justa distribuição da riqueza criada e também porque por essa via se favorece o crescimento económico e a criação de mais postos de trabalho, num combate contra o insustentável nível de desemprego.

Terminou desejando uma CES cada vez mais forte, coordenando a acção colectiva na defesa da coesão, contra a desregulação e por mais Europa com mais Europa Social.



VI Campeonato Nacional de Pesca Desportiva de Alto Mar



VI Campeonato Nacional de Pesca Desportiva de Alto Mar

Após o apuramento dos 4 Colegas do nosso Sindicato, ocorrido na Figueira da Foz, em 17 de Março, disputou-se no passado dia 25 de Abril, na Figueira da Foz, a Final Nacional do VI Campeonato Nacional de Pesca Desportiva de Alto Mar, com a presença de 18 Colegas, os 4 do SBC, 6 do SBN e 8 do SBSI.

Apesar da temperatura não ser muito elevada e da habitual brisa marítima, a Final Nacional organizada pelos três Sindicatos Bancários de referência, decorreu bem, ainda que alguma agitação do mar tenha dificultado a captura de peixe, segundo alguns dos participantes.

Tal situação não evitou, todavia, que o vencedor, o Colega Albino Casimiro Salgueiro, do IFADAP-SBSI, tivesse capturado peixes cujo peso totalizou 12,300 Kg. Os Colegas que representavam o nosso Sindicato, José Sacramento, do Millennium bcp, Pedro Carmo Veiga, do BPI, João José Veiga, Millennium bcp, e Rui Manuel Cruz, do BPI, ao pescarem 3,860 Kg, 3,420 Kg, 2,400 Kg e 2 Kg, classificaram-se respectivamente em 11º, 13º, 17º e 18º,

tendo José Sacramento pescado o maior exemplar, com 620 gramas.

A Comissão Organizadora integrou, por parte do SBC, os Colegas Francisco Carapinha e António Guiné.

Após a pesagem e processamento da classificação, seguiu-se o habitual almoço de confraternização e distribuição de prémios, tendo tomado a palavra o Presidente do SBC, Carlos Silva, que agradeceu a presença

de todos os Colegas, felicitando o Colega Manuel Camacho por ter sido eleito Presidente da MAG, nas recentes eleições realizadas no SBSI, e todos os concorrentes, pela sua prestação, aproveitando o facto do vencedor ser do IFADAP, para referir, em nome dos três Sindicatos, o empenho que está a ser posto na salvaguarda dos direitos daqueles Colegas, face à situação por que está a passar aquele Instituto, na sequência das alterações em curso no Ministério da Agricultura.





Impressões de um fotógrafo de concurso de pesca que teve de se levantar casualmente muito cedo, à mesma hora que qualquer pescador o faz todos os dias.

Fui convidado para acompanhar no passado dia 25 de Abril, na Figueira da Foz, os colegas pescadores desportivos presentes no concurso de pesca de alto mar, para registar fotograficamente o acontecimento.

Para poder chegar à hora marcada para o embarque, tive que madrugar e, embora seja habitual pôr-me a pé bastante cedo, as quatro horas da manhã foram muito para além dos meus hábitos, facto que me fez sair de casa àquela hora em que o mundo parece ter-se esquecido de si próprio. Oportunidade para atravessar todo o percurso quase sem ninguém à vista, meditando sobre variedade de coisas e sobre o enorme entusiasmo de certas aventuras inesperadas.

Uma grande viagem é sempre uma aventura, ainda que nos tenhamos preparado para ela. Se for viagem no mar será diferente em tudo do que havíamos feito antes, com a gravidade enorme que a dimensão do mar a tudo comunica.

O mar, como só ele, fala sozinho distância, profundidade e ar violento em chicotadas frias de sal. A toda a volta, sempre a varrer, horizontes de perdição e a imensidade tumular das águas escuras, infatigavelmente inquietas.

O falar rijo dos homens da beira-mar, a alegria de todos aqueles rapazes animados pela partida iminente quebra o fio dos meus pensamentos e desata um pouco o peso da expectativa.

A largada fez-se pelas cinco e meia da manhã, começando a ganhar vida um sem número de apetrechos e utensílios com nome próprio e utilidade rara. Fala-se animadamente do exercício da pesca.

Objectos pesados de humidade e de sal trocam de lugar, manejados por mãos grossas, baloiçando na doca escura o corpo espesso da embarcação de casco negro, enorme junto de mim e que a lonjura do mar em breve transformará numa frágil casca de noz.

Já embarcados, tomamos uma bucha rindo alto, para evitar o enjoo, sentindo que as vozes puxadas se perdem esmagadas pela toada enérgica do motor, cortando o vento que hoje nem está frio nem anuncia tempestade, longe das margens ainda ocultas pelo resto da madrugada.

Fendendo águas com segurança, apesar da emoção das ondas, apodera-se de mim uma certa tranquilidade, uma certa confiança.

Alguns concorrentes descansam ainda, encostando-se a dormir a um canto, ganhando força para a jornada. Outros diluem o tempo revivendo ocasiões vividas, proezas de pesca de outras marés e de outras mareasias.

Olho o mestre da embarcação e o marinheiro encarregado dos manejos necessários de bordo e nasce-me dentro uma carinhosa admiração, um emocionado respeito.

Ainda existem, vão ali comigo, os herdeiros dos navegadores de todos os séculos.

Nem só descobridores respeitáveis ou viajantes amadurecidos, mas também guerreiros do mar, piratas destemidos, exploradores ou fugitivos. Não esquecendo os humildes mas bravos pescadores que deixam em casa os ternos filhos e as esposas receosas engolindo lágrimas de outro sal e de outros medos.

Por agora o mar está chão e só lá mais para o começo da tarde, quando levantarmos âncora do pesqueiro situado a umas 5 milhas de Pedrógão Grande, acordam os ventos e agitam-se as águas, dando plena razão àqueles que tinham tomado precauções a tempo, mas nada que tenha perturbado nem um pouco os batidos homens do mar que nos acompanham, bem habituados a céus mais carregados e a mar muito mais grosso.

Fujo por isso ao almoço no interior barco, onde é opressivo o calor e cheiros fortes cruzados desafiam a náusea.

Venho cá para fora, para a frescura do vento, não vá Neptuno lançar-me um dedo às goelas.

Utilizo entretanto os meus apetrechos, disparando um pouco ao acaso em direcção ao universo de todas as coisas visíveis.

Na intrusa condição de pescador-só-de-imagens é essa a tarefa que me toca: criar instantes que, de outro modo, jamais alguém diria terem existido.

Será uma forma de poder saber o que vi, por entre a confusa emoção da viagem e a cegueira emocionada que a luz do largo mar despeja dentro duns olhos habituados a ver o mundo no aconchego da terra firme.

Longe, muito longe, do drama dos homens do mar, daqueles cujo trabalho está tão perto da vida como da morte e que para alimentar seus filhos têm de regressar mais uma vez e sempre à vastidão oscilante das ondas, não por graça de um concurso, sem almoço de homenagem nem entrega de prémios ou salva calorosa de palmas, mas porque é assim que a vida manda e foi essa a tarefa que lhes reservou o destino.

Termina bem o dia para todos já em via, pesando-se o peixe, festejando vencedores e vencidos a alegria viril duma jornada no mar.

O repasto, já depois das três da tarde correu bem a todos com as celebrações da praxe, esquecido o percalço de uma hora de almoço baloiçada, com o calor incómodo de um espaço apertado onde, além de comida, cheirava demais a tintas e a óleos.

*Joaquim (Quim) Santos fez as fotos e levantou-se de madrugada
Costa Brites escutou a narrativa*



SOU DA GÂNDARA, SOU GANDARÊS

A. Castelo Branco

Declaro-me gandarês assumido: por nascimento, por devoção, por temperamento, por tudo quanto culturalmente me liga a estas terras do Senhor.

Encho o peito de ar e fico orgulhoso cada vez que me cruzo com um dos nossos grupos etnográficos que reportam consigo as raízes da nossa cultura popular por entre trajos, utensílios de trabalho, modas e cantigas, ritos e rituais.

Encho o peito de ar e sinto-me impelido pela vaidade ao poder falar na obra de Carlos de Oliveira, aquele escritor aqui de Febres que imortalizou a sua e minha Gândara, com relatos sublimes da vida das suas gentes. E aqueles outros, dos nossos tempos de agora, que se perfilam pelas mesmas causas, como se fossem continuadores uns dos outros na defesa desta identidade: Idalécio Cação, Paulo Frade, João Reigota, Ferro Rodrigues, Denis Ramos, Mário Cupido, João e Gabriel da Prada, Fátima Bica, Cândido Ferreira.

Sinto-me privilegiado quando falo da casa gandraesa, das praias e dos palheiros da nossa beira-mar de Mira ou da Tocha e da sua pesca artesanal, dos nossos moinhos e da nossa gastronomia quando passa por umas batatas assadas na areia aos famosos jantares dos casamentos, às matanças e ao sarrabulho, às favas com molho de carne, à aletria e às papas de abóbora. E os arraiais gandraeses e as desfolhadas e o cantar das Almas Santas pela Quaresma e o Santo Amaro do Picoto e o Santo António dos Covões ou o S. Tomé de Mira, para só falar destes agora. Feiras e mercados também eles são uma expressão viva da nossa cultura.

Para conhecer a Gândara, porém, não bastam estes relatos. Há que vir ao local tactear os vestígios arqueológicos, assistir à venda dos pés de porco, participar numa malhadela, fazer um percurso pedonal ou de bicicleta, conhecer a história da plantação da floresta, saber como se faziam os adobes, os madeiramentos e as asnas, conhecer por dentro e por fora a tipologia das construções tradicionais e sentir o significado da expressão:

“casa onde caibas, terra quanta vejas”

Daí propor-vos uma visita a estas terras e a estas gentes. E nós cá estaremos para vos guiar.

A. Castelo Branco



“Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o Inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres”

“Casa na Duna”, Carlos de Oliveira

“FAVAS À GANDARESA”, O PRATO MAIS GENUÍNO DA REGIÃO

Ingredientes: favas, batatas novas, rama de alho, toucinho, vinagre tinto. A carne deverá ter um dia de sal e será depois posta de molho.

Cozem-se as batatas separadas das favas para que aquelas não fiquem negras.

Frita-se o toucinho por forma a obter bastante molho gordo, que pode ser aumentado com banha de porco.

Na fritura pode entretanto adicionar-se entremeada ou entrecosto aos bocadinhos, que tomam o aspecto de torresmos.

Quando as batatas e as favas estiverem cozidas, depois de escorridas, misturam-se numa panela lançando-lhe por cima apenas o molho obtido anteriormente.

Acrescenta-se bastante rama de alho, baldeando bem o conjunto.



Adicione um bom golpe de vinagre tinto e abafe durante cinco minutos.

Numa travessa de onde todos picam, coloque por cima a carne frita.

A acompanhar uma boa salada de alface e cebola cortada miudinha, tipo caldo verde, que é enrolada no garfo à medida que se degustam as favas.

Broa e vinho tinto, que não falem.

Quanto à matéria prima do acepipe, não seja ignorado o adágio:

“Favas, Maio as deu, Maio as levou...”



CULTURA NA CIDADE

Costa Brites
www.costa-brites.com

Devia constituir obrigação cívica ir ver filmes portugueses, tal como deveria dar desconto para o IRS ver teatro em Portugal, ler obras escritas por autores portugueses, e um longo cortejo de “etc.” para toda a cultura nossa, de agora e de antanho, de todos os géneros e de qualquer autoria.



Inaugurar esta coluna destinada a trazer assuntos da cultura de todos os dias para as páginas da revista do meu sindicato se não é uma atitude que prime pela novidade (sou sócio do SBC, pelas minhas contas, há mais de trinta e seis anos...) é para mim uma oportunidade deveras emocionante. Aliás, fica para uma próxima ocasião descrever o que foi a tentativa, recheada de episódios, de tentar colocar de pé um grupo de animação cultural no seio do nosso sindicato, no princípio dos anos 70, com circulares em papel de cor, ilustrações e projectos mirabolantes que fariam corar certas vereações de cultura nossas conhecidas!...

Com propósitos muito mais modestos que nessa altura e assumindo o perfil baixo de alguém que deseja apenas conversar com os colegas, fica assim dado o tiro de partida para estas linhas que prometem falar de tudo o que seu autor julgue ter interesse, seja nas artes, nas letras ou nos espectáculos.

O cinema visto no Teatro Dona Maria Pia, uma coisa de outro mundo

Os meus hábitos de apreciador de cinema tiveram o seu início num momento mágico para aquela modalidade de produção artística, altura em que ainda não havia televisão, numa pequena cidade de província onde nem havia cinema todos os dias, nem eu podia frequentá-lo as vezes que me apetecia.

A sala que melhor conheci era uma preciosidade raríssima, uma das primeiras

salas de concertos com palco à italiana construídas em Portugal: o Teatro Dona Maria Pia em Leiria, cuja destruição ímpia foi apenas mais um desses crimes que entre nós vulgarmente são cometidos sem que o chão se abra debaixo dos pés de quem o pisa, ou o céu vomite raios e coriscos de imprecação celeste.

As salas de cinema da actualidade estão para mim, por esse facto, feridas de uma debilidade ambiental clamorosa, que retiram à magia da “sala escura” todo o seu mistério essencial, carente de ritos e de requintes que o tempo não apaga na memória das afinidades electivas, impossíveis de compensar com pacotes de pipocas e bebidas castanho escuro (hábitos dispersivos da atenção cinematográfica, além de lamentavelmente anti-dietéticos!).

Eça de Queiroz, aluno da Universidade de Coimbra

Tudo isto a propósito do filme de Jorge Paixão da Costa “O mistério da Estrada de Sintra”, recentemente estreado, e que os colegas na nossa área sindical poderão ver – pelo menos – em Coimbra, Guarda Leiria e Viseu.

No curto espaço de que disponho é impossível dizer seja o que for de consistente a respeito deste espectáculo, e muito menos acerca das figuras e situações literárias que lhe deram origem.

Fica passado o testemunho entretanto de que é sempre uma belíssima oportunidade a não perder ir ver filmes portugueses.

O cinema nacional, na sua variada riqueza e

apetrechamento técnico-cultural encontra-se recheado de valores do mais alto gabarito e merece a atenção (ia a dizer o patrocínio) de todos nós.

Devia, aliás, constituir obrigação cívica ir ver filmes portugueses, tal como deveria dar desconto para o IRS ver teatro em Portugal, ler obras escritas por autores portugueses, e um longo cortejo de “etc.” para toda a cultura nossa, de agora e de antanho, de todos os géneros e de qualquer autoria.

Num país cujos Sábados, Domingos e serões televisivos se encontram juncados de fitas americanas da mais desavergonhada violência (ontem ao deitar lá foi mais outra, com a “sugestiva” bolinha ao canto), ir ver um filme português é uma atitude de higiene cultural magnífica, que abre para o debate de questões que a todos interessam e a todos dizem respeito.

Recomendo pois este interessante espectáculo de cinema, bem como a leitura da célebre obra de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão que lhe serve de tema (sublinhando-se aqui a raridade preciosa de uma tal parceria de criatividade, não isenta de acidentes e paixões, como nos revela o próprio filme!...).

Se sobrar coragem sugiro igualmente um mergulho decidido na temática da notável “Questão Coimbrã”, que rompeu nesta cidade em 1866, ano em que aqui se formou em Direito um rapaz de 21 anos chamado Eça de Queiroz.

Ninguém vai ficar indiferente à substância desses debates e obras literárias, de que “O Conde de Abranhos”, do mesmo Eça, representa um superlativo da mais intensa frescura de actualidade!...

**... PORQUE SÓ TEMOS DOIS OLHOS
CUIDE DO QUE É REALMENTE IMPORTANTE**



LOJAS DE ÓPTICA DO S.B.C.



**Espaço Moderno
Atendimento Personalizado
Facilidades de Pagamento
Comparticipação imediata**

**AGORA É
MAIS FÁCIL E
MAIS BARATO
COMPRAR
ÓCULOS DE
MARCAS
CONCEITUADAS
E DE SOL**

VISITE AS LOJAS DE ÓPTICA DOS SAMS:

CALDAS DA RAINHA • COIMBRA • FIGUEIRA DA FOZ • GUARDA • LEIRIA • VISEU